

DA CRIAÇÃO AO MOVIMENTO PENTECOSTAL E ÀS ASSEMBLEIAS DE DEUS: A MISSÃO ININTERRUPTA DO ESPÍRITO SANTO

Alessandra Grangeiro¹
Fábio de Sousa Neto²

RESUMO

Este artigo, baseado na obra de Eddie Hyatt *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, explora a continuidade histórica e teológica da atuação do Espírito Santo, desde a criação até os avivamentos modernos, como o movimento da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus no Brasil. A pesquisa destaca marcos fundamentais do cristianismo, incluindo o Pentecostes, os primeiros séculos e os avivamentos dos séculos XVIII e XIX, evidenciando o papel do Espírito na construção da identidade pentecostal. Dialogando com autores como Gedeon Alencar e Fábio de Sousa Neto, o estudo refuta o cessacionismo, reafirmando a atuação contínua do Espírito na Igreja e sua contribuição para a missão global e o testemunho cristão. Além de consolidar a tradição histórica das Assembleias de Deus, o artigo destaca o impacto transformador do pentecostalismo no cenário mundial.

Palavras-chaves: Espírito Santo. Pentecostalismo. Avivamentos. Missão Global.

ABSTRACT

This article, based on Eddie Hyatt's work *2000 Years of Charismatic Christianity*, explores the historical and theological continuity of the Holy Spirit's work, from creation to modern revivals, such as the Azusa Street movement and the founding of the Assemblies of God in Brazil. The research highlights fundamental milestones in Christianity, including Pentecost, the first centuries, and the revivals of the 18th and 19th centuries, highlighting the role of the Spirit in the construction of Pentecostal identity. In dialogue with authors such as Gedeon Alencar and Fábio de Sousa Neto, the study refutes cessationism, reaffirming the continuous work of the Spirit in the Church and its contribution to global mission and Christian witness. In addition to consolidating the historical tradition of the Assemblies of God, the article highlights the transformative impact of Pentecostalism on the world stage.

Keywords: Holy Spirit. Pentecostalism. Revivals. Global Mission.

¹ Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e diretora acadêmica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Graduada em Letras e Teologia, e atualmente cursando Psicologia pela FASSEB. É mestre e doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. ORCID: 0000-0001-7297-3467. Perfil no Research Gate Contato: alessandraccosta@gmail.com.

² Mestre em História (PUC-GO). Pós-graduado em Teologia Sistemática (FASSEB), licenciado em História (PUC-GO). Atua como professor universitário e na educação básica. Escritor conteudista e pastor vocacionado. ORCID: 0000-0002-2417-393X. Contato: prof.fabio@fasseb.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história do cristianismo é marcada pela atuação contínua do Espírito Santo, cuja presença permeia desde o ato da criação até os grandes avivamentos modernos. Conforme registrado em Atos 2, o Pentecostes inaugura a Igreja como uma comunidade carismática, impulsionada pelo poder do Espírito. No entanto, a atuação do Espírito Santo não se restringiu ao evento de Pentecostes. Ela percorreu séculos, atravessando períodos como a Era Patrística, a Idade Média e a Reforma Protestante, até culminar nos avivamentos que deram origem ao movimento pentecostal moderno.

O presente artigo tem como objetivo examinar a atuação contínua do Espírito Santo desde a criação até o grande avivamento da Rua Azusa, destacando a continuidade teológica e histórica nas Assembleias de Deus. Ao explorar essa trajetória, busca-se compreender como a pentecostalidade, entendida como a manifestação da essência carismática da Igreja, integra-se à identidade e à missão das Assembleias de Deus. Para isso, utiliza-se uma abordagem histórico-teológica, fundamentada em pesquisa bibliográfica com obras de referência, como o *Dicionário do Movimento Pentecostal*, de Isael Araújo, e *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, de Eddie Hyatt.

A pergunta que orienta esta investigação é a seguinte: de que forma as Assembleias de Deus incorporam a tradição histórica e teológica da atuação contínua do Espírito Santo desde a criação? Parte-se da hipótese de que as Assembleias de Deus são herdeiras dessa tradição, preservando e difundindo a pentecostalidade como característica intrínseca da Igreja de Cristo. Essa continuidade, sustentada por uma sólida base histórica e teológica, reflete-se tanto na prática carismática quanto na teologia que define o movimento.

A estrutura do artigo está dividida em quatro seções principais. A primeira seção explora a atuação do Espírito Santo na criação e na história bíblica, desde os relatos de Gênesis até os do Novo Testamento. Em seguida, a segunda seção analisa as manifestações carismáticas na história da Igreja, com foco na Era Patrística, na Idade Média e na Reforma Protestante. A terceira seção discute o movimento pentecostal moderno, com ênfase no avivamento da Rua Azusa como marco global. Finalmente, a última seção aborda a tradição histórica e teológica

das Assembleias de Deus, refletindo sobre como o movimento integra a continuidade da atuação do Espírito Santo em sua identidade.

Conclui-se que as Assembleias de Deus possuem uma tradição profundamente enraizada na história e teologia cristãs, posicionando-se como continuadoras da missão do Espírito Santo. Essa trajetória reafirma o papel central da pentecostalidade na vivência cristã, promovendo uma fé vibrante e autêntica que se conecta tanto à narrativa bíblica quanto às demandas contemporâneas da Igreja.

1. O ESPÍRITO SANTO NA CRIAÇÃO E NA HISTÓRIA BÍBLICA

1.1 O Espírito Santo no Antigo Testamento

A narrativa bíblica apresenta o Espírito Santo como agente de criação, renovação e manutenção da vida, desde o relato inicial de Gênesis 1:2, onde o “Espírito de Deus pairava sobre as águas”, até os atos transformadores na história do povo de Deus. No Antigo Testamento, o termo hebraico *ruach* (רוח), que significa vento, fôlego ou espírito, encapsula o poder divino em ação tanto no cosmos quanto na vida humana (Jó 33:4; Salmo 104:30). Essa visão destaca o Espírito Santo como fonte e sustentador da vida, evidenciando uma conexão íntima entre o Criador e sua criação.

Ao longo das Escrituras, o Espírito Santo opera em três dimensões principais: criação, capacitação e renovação. Ele é o Espírito criador que trouxe ordem ao caos no Gênesis e o capacitador divino que inspira e equipa líderes como Bezalel na construção do tabernáculo (Êxodo 31:2-3) e profetas como Isaías, que anuncia: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim” (Isaías 61:1). Nos Salmos e na literatura sapiencial, o Espírito é celebrado como fonte de sabedoria e renovação espiritual, indicando uma atuação contínua na vida do povo de Deus.

1.1 O Espírito Santo no Novo Testamento

No Novo Testamento, a atuação do Espírito Santo ganha centralidade na missão redentora de Cristo e no nascimento da Igreja. Ele é o agente por trás da

encarnação, conduz o ministério de Jesus e desce sobre os apóstolos no Pentecostes, inaugurando a Igreja como uma comunidade carismática (Atos 2). O Pentecostes não apenas marca o início da propagação global do evangelho, mas reafirma a continuidade do Espírito na missão divina: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas" (Atos 1:8).

Essa trajetória bíblica é essencial para compreender o papel do Espírito Santo na formação e consolidação do movimento pentecostal. Desde a criação até o Pentecostes, a atuação do Espírito reflete sua missão de capacitar o povo de Deus a viver em comunhão com o Criador e a cumprir o chamado de ser luz para as nações. Essa mesma dinâmica inspirará, séculos depois, movimentos como o da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus, reafirmando que o Espírito permanece ativo na renovação e expansão da Igreja.

2. DA PERSEGUIÇÃO À EXPANSÃO: O ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA DA IGREJA

2.1 Na antiguidade

A promessa de Jesus em Atos 1:8, cumprida no Pentecostes, estabelece o Espírito Santo como o agente que sustenta e conduz a Igreja em sua missão até os confins da terra. Essa atuação contínua transcende o período apostólico e se manifesta em momentos-chave da história, mesmo em tempos de perseguição e de institucionalização. A continuidade do Espírito pode ser observada em diversos períodos históricos, como na Era Patrística, na Idade Média e nos movimentos pré-pentecostais, que prepararam o terreno para o pentecostalismo moderno e, consequentemente, para o surgimento das Assembleias de Deus. Esse fio condutor reafirma o objetivo geral deste artigo: demonstrar como a ação histórica do Espírito Santo encontra sua continuidade na missão e identidade das Assembleias de Deus.

Os primeiros séculos da Igreja, marcados por perseguições externas e debates internos, ofereceram um terreno fértil para a atuação do Espírito Santo. Durante esse período, figuras importantes da patrística testemunharam e defenderam a continuidade dos dons espirituais como parte da identidade cristã.

Esses líderes não apenas reconheceram as manifestações carismáticas, mas as interpretaram como evidências da presença viva de Deus na Igreja.

Irineu de Lyon (130-202 d.C.), discípulo de Policarpo e herdeiro da tradição apostólica, foi um dos principais defensores da continuidade carismática. Em sua obra *Contra as Heresias*, Irineu argumentava que os dons espirituais, como curas e profecias, eram sinais do verdadeiro cristianismo. Para ele, essas manifestações eram tanto uma confirmação da missão da Igreja quanto um testemunho da autenticidade da fé cristã.

Tertuliano (160-220 d.C.), conhecido por seu apoio ao movimento montanista, reforçou a importância das manifestações carismáticas como parte essencial da vida cristã. Em obras como *De Anima*, Tertuliano defendia que o Espírito Santo continuava a operar por meio de profecias e revelações, proporcionando direção e poder espiritual à Igreja. Embora o montanismo tenha enfrentado resistência e sido rotulado como herético, sua ênfase no Espírito Santo e na experiência carismática contribuiu para manter viva a expectativa por um cristianismo dinâmico e cheio do Espírito.

Outros líderes, como Justino Mártir (100-165 d.C.) e Cipriano de Cartago (200-258 d.C.), também registraram a presença contínua do Espírito em suas comunidades. Justino, em suas obras apologéticas, mencionava que os dons carismáticos, como curas e expulsão de demônios, eram evidentes entre os cristãos de sua época, enquanto Cipriano destacava fenômenos como visões e profecias como demonstrações da ação do Espírito.

O movimento montanista, liderado por Montano da Frígia e suas seguidoras Priscila e Maximila, representa um ponto significativo nesse contexto. Embora controverso, o montanismo defendia uma espiritualidade marcada por profecias contínuas, visões e uma vida ascética, que buscava retornar à fervorosidade do cristianismo apostólico. Apesar de ser rejeitado pela Igreja institucional, que temia sua ênfase em revelações diretas e autonomia profética, o movimento destacou a importância da experiência carismática como uma expressão legítima da fé cristã.

Orígenes (185-254 d.C.), por sua vez, reconhecia a operação do Espírito na Igreja por meio de dons como a profecia, que considerava uma evidência da continuidade espiritual do cristianismo. Novaciano, em seu tratado *De Trinitate*, reafirmou a natureza divina do Espírito Santo e a relevância dos dons carismáticos

como expressão da presença de Deus. No contexto da igreja primitiva, Hyatt afirma que “esses testemunhos demonstram com clareza que os dons espirituais, inclusive o de falar em línguas, mantiveram-se comuns na igreja desde o Dia de Pentecostes até o começo do quarto século” (HYATT, 2018, p. 42).

Esse período patrístico, rico em manifestações e reflexões teológicas sobre o Espírito Santo, demonstra que os dons espirituais permaneceram como uma força viva na Igreja, resistindo às pressões externas e internas. Embora movimentos como o montanismo tenham sido marginalizados, a atuação do Espírito continuou a ser reconhecida e celebrada, mesmo em meio a tensões doutrinárias e institucionais.

Esses registros históricos não apenas reforçam a manifestação duradoura do Espírito Santo desde o Pentecostes, mas também preparam o terreno, no sentido de dar continuidade histórica, para a compreensão da dinâmica carismática que seria revitalizada em momentos de renovação e avivamento, culminando no movimento pentecostal moderno. Assim, a Era Patrística desempenha um papel crucial na articulação da narrativa pentecostal, conectando a promessa de Atos 1:8 ao surgimento de movimentos como o das Assembleias de Deus.

2.1 Na Idade Média

A Idade Média, frequentemente vista como um período de declínio espiritual devido à crescente institucionalização da Igreja, foi também um tempo em que o Espírito Santo continuou a operar de maneira profunda e transformadora. Conforme apontado por Eddie Hyatt em *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, mesmo com a consolidação de uma hierarquia eclesiástica rígida e a busca por estabilidade política, a chama do Espírito permaneceu viva em movimentos de renovação espiritual e carismática, especialmente no monasticismo e em comunidades de dissidência como os Valdenses.

A conversão de Constantino e a consequente institucionalização do cristianismo trouxeram mudanças significativas à prática da fé. O cristianismo, antes perseguido, tornou-se religião oficial do Império Romano, recebendo recursos e poder político. Evidentemente a oficialidade do cristianismo como religião imperial só ocorreu posteriormente no período de Teodósio I. Essa

transição, no entanto, teve um custo espiritual: a Igreja começou a adotar rituais mais formais e a distanciar-se das práticas espontâneas e carismáticas que haviam caracterizado o cristianismo primitivo. A preocupação com a ordem e a estabilidade institucional levou a uma postura de cautela em relação às manifestações sobrenaturais do Espírito, que passaram a ser vistas como potencialmente disruptivas. Evidentemente essa perda das atividades carismáticas se fez sentir no contexto anterior ao século IV, prova disso foi o movimento montanista que atraiu até mesmo o grande Tertuliano de Cartago.

Nesse contexto, os mosteiros emergiram como centros de preservação da espiritualidade carismática. Monges como Antão do Deserto (251–356 d.C.) e Pacômio (292–348 d.C.) buscaram uma conexão profunda com Deus, cultivando práticas espirituais que incluíam visões, curas e experiências místicas. Conforme Hyatt observa, esses monges consideravam que o Espírito Santo ainda operava poderosamente em suas vidas e comunidades, especialmente em momentos de oração e disciplina espiritual. O monasticismo, particularmente em seus primeiros séculos, tornou-se um refúgio para aqueles que buscavam a presença ativa do Espírito em meio a um ambiente cada vez mais institucionalizado.

Antão do Deserto, considerado o pai do monasticismo cristão, dedicou sua vida à devoção no deserto, enfrentando combates espirituais intensos e relatando visões que, segundo ele, eram manifestações do Espírito Santo. Seu legado foi preservado por Atanásio de Alexandria (296–373 d.C.), que escreveu sua biografia, enfatizando as experiências carismáticas de Antão como exemplo de uma espiritualidade vibrante e inspiradora. Pacômio, por sua vez, fundou comunidades monásticas que combinavam a vida em comunhão com disciplinas espirituais rigorosas, criando um espaço onde a presença do Espírito poderia ser vivenciada de maneira tangível.

Além do monasticismo, ordens posteriores como os cistercienses, franciscanos e dominicanos renovaram o fervor espiritual na Europa medieval. Bernardo de Claraval, líder dos cistercienses, enfatizou a simplicidade e a oração fervorosa como meios de experimentar o poder transformador do Espírito Santo. Francisco de Assis, fundador dos franciscanos, tornou-se um ícone da espiritualidade carismática por meio de suas visões e da estigmatização, evidências de uma profunda conexão com Deus. Essas ordens escolheram viver

entre o povo, pregando e servindo, mantendo vivas as experiências carismáticas que muitas vezes haviam sido suprimidas pela institucionalização.

Movimentos dissidentes, como os Valdenses, também desempenharam um papel significativo na preservação do cristianismo carismático durante a Idade Média. Conhecidos por seguirem os ensinamentos e o modo de vida do comerciante francês Pedro Valdo (1140 – 1205 d.C.), os Valdenses enfatizavam a simplicidade e a fidelidade às Escrituras, rejeitando práticas institucionais que consideravam corruptas (GONZÁLEZ, 1986, p. 110). Apesar de perseguidos pela Igreja oficial, mantiveram doutrinas como a cura divina e práticas de evangelismo fervoroso, demonstrando o Espírito Santo como fio condutor da história cristã em sua comunidade. Conforme Hyatt destaca, esses movimentos representaram uma resistência à crescente formalização e um retorno à essência espiritual do cristianismo primitivo.

Por outro lado, a institucionalização da Igreja resultou em excessos e exageros que, muitas vezes, obscureceram a verdadeira obra do Espírito. Como apontado por historiadores como Jean Bolland, citado por Hyatt (2018), relatos de milagres e experiências místicas foram gradualmente misturados com lendas e práticas supersticiosas, o que levou ao declínio espiritual de muitas ordens monásticas por volta do século VI. Ainda assim, momentos de renovação, como o surgimento das novas ordens no final da Idade Média, reacenderam o fervor carismático e prepararam o terreno para os movimentos de avivamento que surgiriam posteriormente.

Conforme Hyatt (2018) reflete, a Idade Média não foi um período de ausência do Espírito Santo, mas de adaptação de sua obra em meio a estruturas institucionais e mudanças culturais. Apesar dos desafios, o Espírito continuou a operar, capacitando indivíduos e movimentos que mantiveram a chama do cristianismo carismático acesa. Nas palavras do autor:

Durante a Idade Média, os milagres eram relacionados exclusivamente ao estilo de vida monástico. Na igreja apostólica, os *charismata* estavam disponíveis para que todos pudessem se beneficiar. Porém, na igreja medieval, os dons miraculosos se tornaram propriedade única daqueles santos místicos que se retiravam do mundo e da sociedade (HYATT, 2018, p. 73).

Essa continuidade se tornou a base para os avivamentos subsequentes que culminariam no pentecostalismo moderno, reafirmando o papel essencial do Espírito Santo na história da Igreja. Os séculos de história cristã, marcados por períodos de avivamento e renovação, apontam para uma constante: o Espírito Santo como agente transformador. É nessa linha de continuidade que o movimento pentecostal moderno emerge, consolidando práticas e experiências que renovaram o cristianismo global.

2.2 Na Idade Moderna: renovação e precursores do movimento pentecostal

A Idade Moderna testemunhou profundas transformações religiosas que prepararam o terreno para o surgimento do pentecostalismo moderno. Movimentos reformistas, avivamentos espirituais e a redescoberta de experiências carismáticas evidenciaram a continuidade do agir do Espírito Santo. Nesse período, líderes visionários e comunidades fervorosas reacenderam o desejo por uma fé viva e dinâmica, fundamentada na experiência direta com Deus.

2.2.1 Lutero e a Reforma: redescobrimdo a autoridade do Espírito Santo

Martinho Lutero desempenhou um papel central na Reforma Protestante, desafiando a autoridade da Igreja Católica ao afirmar que a salvação era pela graça mediante a fé (Efésios 2:8-9) e que a Bíblia era a única fonte de autoridade divina. Em sua obra *O Cativo Babilônico da Igreja*, Lutero reconheceu a ação direta do Espírito Santo, declarando que foi guiado por Ele em suas reflexões teológicas. Essa convicção pavimentou o caminho para movimentos posteriores que enfatizariam a regeneração e a santificação operadas pelo Espírito.

Apesar de sua oposição às práticas carismáticas não mediadas pelas Escrituras, Lutero não negava o papel do Espírito Santo na transformação dos crentes. Ele via o Espírito como essencial na interpretação bíblica e na capacitação para uma vida cristã autêntica. Seus contemporâneos, como Melancton, reconheciam seu impacto espiritual, referindo-se a ele como “Elias” e destacando sua conexão profética com o Espírito.

2.2.2 Os Anabatistas: radicalidade e dependência do Espírito

Os anabatistas, uma ala radical da Reforma, buscaram retornar à simplicidade e fervor do cristianismo primitivo. Rejeitaram o batismo infantil e

ênfatazaram a experiência pessoal com o Espírito Santo como evidência de uma fé genuína. Inspirados por Atos 2:42-47, viviam em comunidades que praticavam oração fervorosa, partilha de bens e dons espirituais como curas e profecias.

George H. Williams, em *The Radical Reformation*, citado por Hyatt, descreve os anabatistas como pioneiros na busca por uma fé livre de mediações institucionais. Sua ênfase na liberdade do Espírito ressoava em 2 Coríntios 3:17: “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.” Embora perseguidos tanto por católicos quanto por reformados, sua dedicação ao Espírito como guia direto influenciou movimentos futuros.

2.2.3 Os Quakers e a “Luz Interior”

No século XVII, os quakers, liderados por George Fox, destacaram a presença contínua do Espírito Santo em todos os crentes, promovendo uma espiritualidade centrada na “luz interior”. Essa visão fundamentava-se em João 4:24: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” Rejeitando rituais externos e hierarquias, os quakers buscavam discernir a direção do Espírito em encontros marcados por silêncio e inspiração direta.

Eddie Hyatt observa que os quakers experimentaram manifestações como visões e curas, indicando a continuidade do agir do Espírito. Segundo ele, “em uma geração, aqueles que se chamavam quakers se tornaram o movimento que mais cresceu na civilização ocidental (...) Esse movimento impressionante do século XVI de fato foi carismático” (HYATT, 2018, p. 124). Além disso, sua atuação social, como a luta contra a escravidão, refletia o impacto transformador do Espírito na sociedade, cumprindo Isaías 61:1.

2.2.4 O Avivamento Moraviano: oração e missões

No início do século XVIII, os moravianos, liderados por Nicolau von Zinzendorf, iniciaram um dos mais notáveis avivamentos espirituais da Idade Moderna. Em Herrnhut, em 1727, o Espírito Santo trouxe um avivamento que resultou em uma vigília de oração contínua que durou mais de um século. Com uma visão clara de missões, os moravianos enviaram missionários a lugares remotos, cumprindo Atos 1:8: “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo.”

Hyatt (2018) destaca que a união e o fervor dos moravianos influenciaram movimentos como o metodismo e o pentecostalismo moderno. Sua dedicação à oração e evangelismo demonstrou o poder capacitador do Espírito para transformar indivíduos e comunidades.

2.2.5 *O Metodismo: santidade e fervor evangelístico*

John Wesley, fundador do metodismo, pregou sobre a justificação pela fé e a santificação pelo Espírito como pilares da vida cristã. Após sua conversão em 1738, Wesley enfatizou que o Espírito Santo capacita os crentes a viverem em santidade e impulsiona o fervor evangelístico. Hyatt (2018) afirma que:

A ideia de uma operação da graça após a regeneração não havia sido enfatizada desde o quarto século e, aliada à abertura para as experiências ao mesmo tempo pessoais e espirituais, ela se tornou um fator importante para estabelecer o estágio do movimento pentecostal/carismático do século XX. Por esse motivo, o historiador pentecostal Vinson Synan se referiu a Wesley como o “pai do Movimento Pentecostal” (HYATT, 2018, p. 137).

Pregações ao ar livre e encontros de oração foram marcados por manifestações espirituais, como lágrimas de arrependimento e curas.

George Whitefield, um dos maiores pregadores metodistas, atraiu multidões com mensagens de arrependimento e salvação. Suas pregações frequentemente resultavam em avivamentos, mostrando que o Espírito Santo continua a operar poderosamente na vida dos crentes.

2.2.6 *O Movimento Holiness e o Caminho para o Pentecostalismo*

No século XIX, o movimento *Holiness* preparou o terreno para o pentecostalismo, enfatizando a santificação e a consagração total a Deus. Phoebe Palmer, uma das líderes desse movimento, redefiniu a experiência de santificação como “batismo no Espírito Santo,” destacando sua conexão com o poder espiritual. Essa mudança semântica foi essencial para moldar o pensamento pentecostal. Segundo Hyatt (2018):

Por meio da ampla influência de Palmer, a terminologia pentecostal finalmente substituiu a wesleyana para descrever a segunda bênção. Em vez de *santificação*, agora se dizia *batismo do Espírito Santo* e, em vez de *purificação do pecado*, a bênção agora era a *concessão de poder* (HYATT, 2018, p. 161).

A. J. Gordon também contribuiu significativamente ao articular o batismo no Espírito Santo como uma experiência subsequente à conversão, acompanhado por dons espirituais como línguas e curas. Esses líderes foram fundamentais para o surgimento do pentecostalismo, que encontraria sua expressão mais marcante no avivamento da Rua Azusa.

3 A RUA AZUSA: O BERÇO DO PENTECOSTALISMO MODERNO

O Avivamento da Rua Azusa, ocorrido em 1906 em Los Angeles, marcou um dos momentos mais significativos da história do cristianismo moderno, dando origem ao movimento pentecostal global. Liderado por William J. Seymour, esse avivamento foi caracterizado por uma busca intensa pela presença do Espírito Santo, pela manifestação dos dons espirituais e por uma unidade que transcendeu barreiras raciais e sociais. A partir desse movimento, a mensagem pentecostal se espalhou pelo mundo, culminando no nascimento das Assembleias de Deus, que continuam a expandir o Reino de Deus até os dias atuais.

3.1 A Rua Azusa: o reavivamento do Espírito

William J. Seymour, uma figura central no movimento pentecostal, destacou-se por sua humildade, profunda espiritualidade e compromisso com a mensagem de Atos 2:4: o batismo no Espírito Santo acompanhado pela evidência de falar em línguas. Seymour enfrentou desafios significativos, incluindo as restrições raciais impostas pela segregação nos Estados Unidos. Contudo, sua perseverança na busca por Deus e sua vida de oração fervorosa o prepararam para liderar o que seria conhecido como o Avivamento da Rua Azusa.

Em abril de 1906, as reuniões lideradas por Seymour encontraram um novo lar em um galpão na Rua Azusa, nº 312, em Los Angeles. Esse local se tornaria o epicentro de um movimento que impactaria milhões de pessoas em todo o mundo. Os cultos na Rua Azusa eram marcados pela simplicidade e pela poderosa manifestação do Espírito Santo, incluindo profecias, curas, e o falar em línguas. O galpão logo se tornou um símbolo do avivamento, com pessoas de todas as raças e origens sociais se reunindo em busca de uma experiência transformadora com Deus.

Eddie Hyatt, em *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, descreve o Avivamento da Rua Azusa como um momento de quebra de paradigmas, em que o Espírito Santo uniu crentes de diferentes contextos, desafiando preconceitos raciais e denominacionais. A partir desse humilde local, missionários foram enviados para diversas partes do mundo, levando consigo a mensagem pentecostal e as experiências vividas na Rua Azusa.

3.2 O impacto global e o nascimento das Assembleias de Deus

O movimento da Rua Azusa, com suas manifestações carismáticas e fervor missionário, transcendeu fronteiras, influenciando diretamente líderes que trouxeram essa mensagem ao Brasil. Daniel Berg e Gunnar Vingren exemplificaram essa continuidade, fundando as Assembleias de Deus e adaptando o *ethos* pentecostal às necessidades espirituais e culturais do país.

Em 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren, impactados por esse movimento, chegaram a Belém do Pará e fundaram, depois de uma separação da liderança da igreja Batista, as Assembleias de Deus. Essa denominação rapidamente se tornou o maior movimento evangélico do Brasil, espalhando a mensagem do batismo no Espírito Santo e das manifestações carismáticas por todo o país.

De acordo com Gedeon Alencar, o pentecostalismo das Assembleias de Deus, fundado em 1911 no Brasil, está profundamente enraizado no *ethos* missionário inaugurado na Rua Azusa. Em sua tese, *Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia (1911-2011)*, Alencar analisa como os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren trouxeram essa chama pentecostal ao Brasil, plantando as bases para o maior movimento evangélico do país.

Inspirados pelo movimento iniciado em Azusa, Berg e Vingren chegaram a Belém do Pará em 1910, vindos dos Estados Unidos, com a missão de expandir a mensagem do pentecostalismo. A partir de sua dissidência da Igreja Batista, fundaram a Missão de Fé Apostólica, mais tarde denominada Assembleia de Deus, refletindo a conexão com a tradição pentecostal emergente.

Alencar, em *Assembleias de Deus – Origem, Implantação e Militância (1911-1946)*, pontua que o crescimento inicial foi alimentado tanto pela experiência carismática quanto pela migração interna, especialmente durante o

ciclo da borracha, o que permitiu a rápida disseminação do movimento para regiões urbanas e rurais do Brasil.

No avivamento da Rua Azusa, elementos como glossolalia, profecia e curas foram centrais, características que se tornaram marcas das Assembleias de Deus. Segundo Sousa Neto (2021), em sua dissertação, o movimento pentecostal brasileiro apropriou-se dessas práticas como parte de sua identidade, ao mesmo tempo em que as adaptou às realidades culturais e sociais do país. Ele descreve as Assembleias de Deus como uma igreja que combinou o carisma espiritual com a expansão institucional, mantendo um *ethos* missionário que dialogava com a periferia urbana e rural.

Nesse sentido, pode-se apontar o impacto contemporâneo do Pentecostalismo no Brasil. Segundo o último Censo Demográfico (2010), os evangélicos representam cerca de 22% da população brasileira, sendo que 60% deste grupo se identifica com igrejas pentecostais, como as Assembleias de Deus. Estimativas mais recentes sugerem que os evangélicos já superam 30% da população, em grande parte devido ao crescimento do pentecostalismo.

No que diz respeito à atual social, as Assembleias de Deus têm ampla presença em projetos sociais, como recuperação de dependentes químicos, assistência a famílias vulneráveis e promoção de educação básica em regiões carentes, além de sua atuação no Ensino Superior, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura - MEC, por meio de instituições como a Faculdade Assembleiana do Brasil - FASSEB.

No amplo espectro da cultura, o movimento pentecostal tem influenciado a música, literatura e mídia no Brasil. A literatura evangélica, incluindo obras de teólogos pentecostais, também cresceu, com editoras como a Betel e a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) liderando a publicação de conteúdo cristão no país. A influência e atuação dos pentecostais também se mostra na esfera política, especialmente por meio da Bancada Evangélica no Congresso Nacional, influenciando debates sobre ética, direitos sociais e liberdade religiosa.

A conexão entre a Rua Azusa e o nascimento das Assembleias de Deus é um testemunho da presença transformadora do Espírito que atravessa épocas e culturas. De Azusa para Belém, o pentecostalismo brasileiro não apenas importou práticas, mas também reinterpreto seu papel na transformação espiritual e social.

Este vínculo é amplamente explorado em trabalhos como o do bispo Abigail Carlos de Almeida, que narra os desafios e triunfos dos pioneiros em sua obra sobre a implantação do movimento pentecostal em Goiás.

A fundação das Assembleias de Deus representou a continuidade do avivamento iniciado na Rua Azusa, adaptando sua mensagem e prática ao contexto brasileiro. Desde sua chegada, os missionários pentecostais enfatizaram a santidade, a evangelização e a capacitação espiritual por meio do Espírito Santo, além de adotarem inicialmente o mesmo nome utilizado na pequena congregação multirracial em Los Angeles, ou seja, Missão de Fé Apostólica, que nos Estados Unidos havia recebido o nome *Apostolic Faith Mission*.

Em Goiás, o movimento se consolidou por meio, dentre vários outros significativos e também importantes, de ministérios como Campinas e Fama, liderados, atualmente, pelo bispo Oídes José do Carmo e pelo pastor Abinair Vargas Vieira, respectivamente, que desempenharam, e continuam desempenhando, papéis fundamentais na expansão do pentecostalismo na região.

A FASSEB (Faculdade Assembleiana do Brasil) é um exemplo contemporâneo dessa continuidade, nesse caso com foco na educação, conforme é também uma tradição desse movimento, funcionando como um centro de formação de líderes comprometidos com a pregação do Evangelho e com o ensino das doutrinas pentecostais. Assim como os pioneiros da Rua Azusa, a FASSEB mantém viva a chama do Espírito Santo, preparando novas gerações para o serviço no Reino de Deus.

O Avivamento da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus são evidências poderosas da ação contínua do Espírito Santo ao longo da história. Desde o Pentecostes até os dias atuais, o Espírito tem capacitado a Igreja para enfrentar desafios, superar barreiras e levar a mensagem de Cristo até os confins da terra.

Esse movimento global, que teve início em um galpão humilde, demonstra que o mesmo Espírito que desceu no dia de Pentecostes continua ativo, renovando vidas e transformando comunidades em todo o mundo, mas agora dentro de grandes templos e instituições de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Igreja é marcada pela atuação contínua e transformadora do Espírito Santo, desde o relato de Pentecostes em Atos 2 até os grandes movimentos de avivamento que moldaram o cristianismo ao longo dos séculos. Essa narrativa evidencia que o Espírito não apenas capacitou a Igreja Primitiva, mas também manteve viva a chama do evangelho em momentos cruciais da história, inspirando líderes, renovando comunidades e rompendo barreiras culturais, sociais e geográficas.

O Avivamento da Rua Azusa, liderado por William Seymour, destaca-se como um marco na história moderna da Igreja. Em um contexto de segregação racial e institucionalismo religioso, o Espírito Santo manifestou-se de forma poderosa, unindo pessoas de diferentes origens em uma busca comum por Deus. Esse movimento não apenas reacendeu a espiritualidade carismática, mas também lançou as bases para o pentecostalismo global, cuja mensagem alcançou o Brasil por meio de missionários como Daniel Berg e Gunnar Vingren, culminando na fundação das Assembleias de Deus.

As Assembleias de Deus, como herdeiras desse legado, tornaram-se instrumentos de Deus para a expansão do cristianismo no Brasil e no mundo. A ênfase no batismo no Espírito Santo, na evangelização e na formação de líderes demonstra a fidelidade do Espírito em capacitar sua Igreja para cumprir a missão descrita em Atos 1:8: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra."

Este artigo evidenciou que o Espírito Santo, desde a criação, tem agido como o principal agente de renovação e de transformação na história da Igreja. Da Criação ao Pentecostes, e deste aos avivamentos modernos como o da Rua Azusa, essa atuação moldou a espiritualidade cristã. Culminando na fundação das Assembleias de Deus no Brasil, vemos como a missão do Espírito Santo se mantém viva, adaptando-se às demandas de cada tempo e cultura, mas sempre guiando a Igreja no cumprimento de sua vocação. Essa história demonstra que, mesmo em tempos de adversidade, o Espírito Santo se manifesta com poder para transformar vidas, moldar comunidades e impulsionar a missão da Igreja. Hoje,

instituições como a FASSEB continuam a promover essa visão, formando líderes e reafirmando a relevância da mensagem pentecostal para as gerações futuras.

Além disso, o artigo oferece uma resposta ao cessacionismo, que argumenta que os dons espirituais cessaram com a era apostólica. Diferente dessa perspectiva, a teologia pentecostal reafirma que a continuidade dos *charismata* está enraizada na imutabilidade de Deus e na missão contínua da Igreja. Como apontado por (2017), Efésios 2:20, frequentemente usado pelos cessacionistas, não limita os dons à era apostólica, mas os insere na ação perene do Espírito Santo na Igreja.

Da mesma forma, Efésios 4:11-12 destaca que os dons ministeriais têm um propósito contínuo de edificação do corpo de Cristo. Essa visão é fortalecida pela compreensão de que a Igreja, em sua essência, é católica e transcende o tempo e espaço, permanecendo conectada ao período apostólico por meio da atuação constante do Espírito Santo.

Assim, o mesmo Espírito que operou no dia de Pentecostes continua ativo, renovando a Igreja e chamando-a a ser luz para as nações. Este é o testemunho que ecoa desde a criação até o grande avivamento da Rua Azusa: o Espírito Santo permanece fiel, guiando e fortalecendo a Igreja em sua missão até que Cristo volte.

O movimento pentecostal, herdeiro de uma rica história de renovação espiritual, continua a mostrar sua relevância no século XXI. Diante de desafios contemporâneos como o secularismo, as crises sociais e o pluralismo religioso, o pentecostalismo reafirma seu papel como uma força transformadora, oferecendo uma fé vibrante e prática que se conecta às necessidades das comunidades globais.

Ao preservar a centralidade do Espírito Santo como agente de renovação e capacitação, as Assembleias de Deus e outros movimentos pentecostais têm o potencial de inspirar novas gerações, mantendo-se como protagonistas na expansão do cristianismo e na promoção de justiça, reconciliação e esperança em um mundo em constante mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, história e tipologia (1911-2011)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus – Origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

ALMEIDA, Abigail Carlos de. **Assembleias de Deus em Goiás: relatos de um pioneiro no coração do Brasil**. Goiânia: Editora Visão, 2015.

ARAÚJO, Israel de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo. A era dos altos ideais**. v.4. Trad. Hansudo Fucus. São Paulo: Vida Nova, 1986.

HILDEBRANDT, Wilf. **Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã e Edições Loyola, 2008.

HYATT, Eddie. **2000 Anos de Cristianismo Carismático: uma história da continuidade dos avivamentos espirituais desde o Pentecostes até o presente**. Natal: Carisma Editora, 2018.

SOUSA NETO, Fábio de. "O Senhor vos tem dado a cidade": demonstração da fé nos espaços públicos pela Assembleia de Deus. In: FERREIRA, Reginaldo Cruz (Org.). **Pentecostalismo e Sociedade: das origens aos movimentos, da sociedade religiosa mercantilista ao retorno à Palavra**. Goiânia: Editora Cruz, 2019. p. 11-52.

SOUSA NETO, Fábio de. **A Igreja Evangélica Assembleia de Deus: pode ser de Deus, mas, também é anapolina, goiana e brasileira**. Anápolis: Jornal Visão Anápolis, 2020.

SOUSA NETO, Fábio de. **Representações sobre o campo religioso brasileiro: uma análise das Assembleias de Deus**. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

ANEXO ÚNICO: Linha do tempo: a evolução do movimento pentecostal até as Assembleias de Deus

ANO/PERÍODO	EVENTO
33 D.C.	Pentecostes: Descida do Espírito Santo sobre os apóstolos em Jerusalém, marcando o início da Igreja Cristã (Atos 2).
SÉCULOS II-IV	Manifestações carismáticas continuam na Igreja Primitiva, como relatado por Irineu, Tertuliano e outros líderes patrísticos.
SÉCULO IV	Consolidação do Cristianismo como religião oficial do Império Romano. O monasticismo preserva práticas carismáticas.
SÉCULOS XII-XV	Movimentos dissidentes, como os Valdenses, enfatizam simplicidade, dons espirituais e evangelismo fervoroso.
SÉCULO XVI	Reforma Protestante: Martinho Lutero e outros reformadores ressaltam a ação do Espírito Santo na fé e na interpretação das Escrituras.
SÉCULO XVIII	Avivamento Moraviano e o Metodismo de John Wesley reacendem o fervor espiritual e destacam o poder do Espírito na santificação e missão.
SÉCULO XIX	Movimento Holiness nos EUA enfatiza o "batismo no Espírito Santo" e prepara o terreno para o pentecostalismo moderno.
1901	Topeka, Kansas: Agnes Ozman fala em línguas após oração liderada por Charles Parham, considerado o início do pentecostalismo.
1906-1909	Avivamento da Rua Azusa, Los Angeles: Liderado por William Seymour, caracteriza-se por manifestações carismáticas e fervor missionário.
1910	Daniel Berg e Gunnar Vingren chegam ao Brasil, trazendo a mensagem pentecostal inspirada pelo movimento da Rua Azusa.
1911	Fundação das Assembleias de Deus no Brasil, em Belém do Pará, por Daniel Berg e Gunnar Vingren, consolidando o pentecostalismo no país.